

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

LANA KUMMER

MINHA EXPERIÊNCIA NA MEDICINA UFSCAR
MY EXPERIENCE WITH MEDICINE AT UFSCAR

SÃO CARLOS - SP

[2024]

LANA KUMMER

MINHA EXPERIÊNCIA NA MEDICINA UFSCAR

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de graduação em Medicina na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Florência Chachá

SÃO CARLOS - SP

[2024]

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, por ter me dado a oportunidade de realizar o meu sonho, e ter me protegido durante todo esse tempo.

À minha mãe, meu grande exemplo de ser humano, que nunca deixou de fazer o que pudesse para me ajudar a realizar o meu sonho de ser médica. Eu te amo!

Ao meu pai, que há 10 anos partiu deste mundo, mas que deixou em mim a missão de suceder em meus planos e, eu tenho certeza, está me cuidando e torcendo por mim lá de cima.

À minha irmã mais velha, Emili, que sempre me deu o exemplo da perseverança e de trabalho duro, me ajudando a manter meus pés no chão sem deixar de sonhar! Ao meu sobrinho, Henrique, que, desde seu nascimento no meio da pandemia, virou um grande propósito da minha vida.

Aos meus padrinhos, Eloir e Nereu, que sempre estiveram ao meu lado nessa jornada, me ajudando sempre que necessário, e me dando forças quando mais precisava. Aos meus primos, Fabiano, Lucy, Marcelo e Rodolpho, que estiveram do meu lado desde que nasci, e nunca deixaram de me apoiar em meus sonhos.

Aos meus amigos, em especial João Marques Batista Junior, Felipe Sicchieri, Ana Cláudia Paesani Nascimento e Samira Saad Guarda, que foram minha família longe de casa nesses 6 anos de graduação. Sem vocês, não teria conseguido.

Aos meus professores, que sempre tiveram a paciência e dedicação de nos passar conhecimento essencial para nossa formação. Em especial, agradeço à Dra. Bruna Carla Ferreira Mendes, que é um dos maiores exemplos de médicos que, o qual irei seguir pelo resto da minha vida, e à Profa. Dra. Meliza Goi Roscani, por ser um exemplo para mim na pesquisa desde o 2º ano da graduação.

À UFSCar, por proporcionar um curso de qualidade, possibilitando minha formação.

À Profa. Dra. Silvana Florêncio Chachá, por todos os anos de orientação e atenção.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), previsto no Projeto Pedagógico do Curso de Medicina da UFSCar, é uma Narrativa Crítico-Reflexiva da minha experiência nos 6 anos de graduação. Essa narrativa, que engloba os anos de 2018 a 2024, reflete sobre minha passagem nos três grandes ciclos que compõem o curso, iniciando minha narrativa ainda no período anterior ao meu ingresso na faculdade.

Palavras-chave: graduação de medicina, metodologia ativa.

ABSTRACT

This Final Paper (FP), foreseen in the Pedagogical Project of the UFSCar Medicine Course, is a Critical-Reflective Narrative of my experience in the 6 years of graduation. This narrative, which encompasses the years 2018 to 2024, reflects on my passage through the three major cycles that make up the course, starting my narrative in the period before I entered college.

Keywords: medical graduation, active methodology.

LISTA DE SIGLAS

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

PBL - Problem Based Learning

SP - Situação Problema

PP - Prática Profissional

RP - Reflexão da Prática

ES - Estação de Simulação

SCrA - Saúde da Criança e Adolescente

SMu - Saúde da Mulher

SAI - Saúde do Idoso

SFC - Saúde da Família e Comunidade

USS - Unidade de Simulação em Saúde

USE - Unidade Saúde Escola

USF - Unidade de Saúde da Família

UBS - Unidade Básica de Saúde

HU - Hospital Universitário

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial

SUMÁRIO

1. POR QUE MEDICINA?	7
2. PRIMEIRO CICLO	9
3. SEGUNDO CICLO	12
4. TERCEIRO CICLO	15
5. OUTRAS ATIVIDADES	18
6. CONCLUSÃO	21
7. REFERÊNCIAS	22

1. POR QUE MEDICINA?

Não podia começar minhas reflexões de outra forma senão com a pergunta mais abordada em nossas primeiras semanas no curso. Por que medicina?

Diferente de muitos dos meus colegas, que desde pequenos já sonhavam em fazer parte dessa profissão, consultando seus bonecos, medicando seus familiares com seringas de brinquedo, nunca pensei em ser médica quando criança. Minhas ambições eram muito mais próximas à minha realidade, e sonhava em ser contadora, como meus primos e meus tios, com quem passava várias manhãs no escritório de contabilidade da família, carimbando notas fiscais como se fosse minha própria função dentro do escritório. A ideia de me tornar médica só veio mesmo durante o primeiro ano do ensino médio.

Lembro exatamente o que começou a mudar meu pensamento sobre minha futura carreira, e como foi solidificado em minha mente. Era um projeto da escola, mais especificamente de geografia, no qual deveríamos entender a socioeconomia mundial, e ao pesquisar sobre esse assunto, aparece uma aba no meu navegador dos Médicos Sem Fronteiras, uma organização internacional, não governamental e sem fins lucrativos, que oferece ajuda médica e humanitária a populações em situações de emergência ao redor do mundo.

A partir daquele dia, e por meio dos Médicos Sem Fronteiras, aprendi muito. Aprendi sobre trabalho humanitário, aprendi sobre o impacto da medicina na vida de comunidades que até então estavam desassistidas. E aprendi que esses dois aspectos andam de mãos dadas. Precisam um do outro para existir e funcionar. E foi aí que a minha ideia do que gostaria de ser começou a mudar e a ser cimentada.

A partir desse momento, meu olhar sobre tudo e todos mudou e, todo dia, eu pensava mais nessa carreira como a minha própria, do futuro. Comecei a pesquisar mais sobre a profissão, a acumular bagagem o suficiente para poder convencer a minha família que essa era a decisão certa. E que eles não se arrependeriam de me apoiar nesse meu caminho em rumo à Medicina.

E convencer eu consegui. Vinda de uma família humilde, não havia possibilidade de meus pais me manterem fora da cidade onde morávamos para estudar. Precisaria da ajuda de familiares para que isso acontecesse.

Nesse meio tempo, muito aconteceu, entre elas a morte de meu pai quando eu tinha 17 anos, que mudou toda a conformidade familiar. Tive que deixar os estudos de lado por um tempo para assim ajudar a minha mãe a reerguer e estabilizar nossa família, assim como a ajudar com meu avô que, após o falecimento do meu pai, já diagnosticado com Alzheimer, teve declínio de sua condição clínica e precisava de mais cuidado.

Tudo isso, porém, me atrasou, mas não me parou. Após dois anos afastada dos estudos, voltei a me preparar para o vestibular, e no fim de um ano de muita dedicação, conquistei a vaga tão esperada na UFSCar, a 960 km de casa. Trouxe de bagagem, junto com o enxoval que minha vó me presenteou para começar a minha vida, toda a experiência que tive com o cuidado do meu avô, com a doença de parentes, esperando ser pelo menos metade do profissional que eu via nos Médicos Sem Fronteiras.

2. PRIMEIRO CICLO

Posso afirmar que minha entrada na UFSCar foi de paraquedas. Como passei na terceira chamada, as atividades já haviam começado e eu havia perdido as primeiras semanas de introdução ao curso e à sua metodologia.

Todo o currículo do nosso curso é baseado no Problem Based Learning (PBL), ou seja, é fundamentado no trabalho em equipe denominado de Pequenos Grupos, o qual é composto de 8 alunos, conduzido por um facilitador habilitado. Tem como princípio a nossa busca ativa pelo conhecimento, a partir de pesquisa bibliográfica e discussão entre os membros do pequeno grupo, a fim de progredir para a solução do caso abordado [SANTOS, 2019].

Minha primeira atividade em pequeno grupo foi a “Situação problema” (SP). É a atividade que, efetivamente, aprendemos a maioria das matérias bases do curso de medicina, mudando o perfil de abordagem de acordo com os ciclos que fazemos parte. Essa atividade no primeiro ciclo compreende 2 encontros semanais, com uma Síntese Provisória – primeiro encontro baseado em leitura de um texto disparador, do qual o pequeno grupo deve formar Hipóteses e Questões de Aprendizagem, que devem ser respondidas na Nova Síntese por meio de discussões, ou seja, no segundo encontro. Com o passar das semanas, a discussão do grupo em cima das hipóteses criadas foi se aprimorando, refletindo a nossa imersão nesse método tão alheio ao que tínhamos contato, vindo todos de educação tradicional baseada em aulas, e nosso desenvolvimento científico e de grupo.

O Projeto Político Pedagógico do Curso de Medicina da UFSCar confere um currículo integrado, de maneira que o estudante tem contato com o paciente em paralelo com a teoria desde o primeiro ano do curso. A parte prática é denominada Prática Profissional (PP), na qual os alunos não inseridos em Unidades Básicas de Saúde e Unidades de Saúde de Família, onde desenvolvem seu conhecimento na atuação dos territórios de abrangência, na rotina do serviço, e no acompanhamento longitudinal de pacientes durante os primeiros quatro anos do curso. Nessa atividade somos encarregados de seguir com pacientes de vários ciclos de vida, seja por visitas domiciliares (VD), seja por consultas médicas, a fim de entender toda sua situação biopsicossocial.

A Reflexão da Prática (RP) tinha como papel complementar a PP, pois servia como momento de discussão do que víamos na prática, trazendo ao encontro as histórias de vida dos pacientes, assim como seus problemas psicossociais. No primeiro ciclo, foi de grande importância durante essas reuniões explorar os aspectos globais do paciente, além de doenças orgânicas percebidas nos mesmos, e entender o paciente como a soma de vários fatores além de sua saúde física.

Uma grande diferença entre nosso curso e os cursos tradicionais, além da prática desde o primeiro ano, é a existência da Estação de Simulação (ES), na qual aprendemos todos os princípios de semiologia a partir do primeiro semestre. Esse aprendizado ocorre na Unidade de Simulação de Saúde (USS), com um docente responsável, em uma simulação de cunho específico, por 40 minutos, onde tentamos conduzir diálogos com atores. No começo, foi uma experiência alheia a qualquer outra que tive, onde apresentei muita dificuldade em discorrer com o ator sobre os assuntos propostos. No entanto, reconheço a importância que esses momentos de simulação tiveram em minha formação, as quais considero uma das mais importantes de minha formação como médica.

O Projeto Pedagógico do Curso fundamenta como método de avaliação a ADPEA (Avaliação de Desempenho no Processo de Ensino-Aprendizagem), no qual avaliamos subjetivamente o curso, o grupo e o facilitador. Além desse método de avaliação, tínhamos 1 prova objetiva por semestre, baseada nos assuntos abordados nas SPs, e a avaliação do Portfólio, o qual era caracterizado por um compilado dos assuntos estudados, diferenciados pelos métodos de estudos de cada aluno. Para cada uma dessas avaliações, tínhamos uma devolutiva, vinda do facilitador, que nos propunha mudanças quando necessárias, todas baseadas na crítica construtivista.

Meu primeiro ano no curso foi muito marcante pela sua discrepância com tudo que eu conhecia e vivia. Recordo como fiquei praticamente em silêncio na primeira SP, sem saber o que estava acontecendo, não entendendo a dinâmica e me sentindo inferior. Porém consigo ver meu desenvolvimento ao lembrar das últimas discussões do ano, nas quais participei assiduamente com meus colegas de grupo. Sendo de natureza mais introspectiva, preferindo ouvir a falar quando não

totalmente confortável com o ambiente onde estou inserida, esse primeiro ano, mais do que apenas me introduzir à medicina, me introduziu ao mundo adulto, maduro, onde precisei dar minha voz para defender minhas opiniões, precisei me desafiar a entrar na casa de desconhecidos e solicitar todo tipo de informação, onde tive que perder o medo de ser julgada para poder mostrar tudo que aprendi.

Já o segundo ano serviu muito mais para sedimentar minha confiança em mim mesma e aprofundar meu conhecimento. Diferentemente do primeiro ano, não houve mudança drástica de métodos e de assuntos, e sim suas continuações. Nesse ano aprendi a estudar verdadeiramente, colocando em prática meus acertos e corrigindo meus erros em relação ao ano anterior. Foi nesse ano que mais sedimentei minhas amizades, criando laços que me mantiveram durante todos os anos por vir.

Uma das melhores experiências que tive durante esse ano foi relacionada com a ES. Nos jogamos de cabeça na semiologia dos principais aparelhos do corpo humano, aprendendo a diferenciar ausculta cardíacas, sinais abdominais, ruídos pulmonares. Por ter sido um pulo muito grande de aprendizado, já que no primeiro ano focamos mais na anamnese e sinais vitais, encontros de amigos aconteciam com o único objetivo de treinar nossa semiotécnica. Foram semanas nos reunindo, passando conhecimento um para o outro, nos divertindo e nos apoiando. Retrospectivamente, consigo referenciar esses momentos como fundação da minha confiança, baseada em prática e amizade.

3. SEGUNDO CICLO

O segundo ciclo é formado pelos 3º e 4º ano de graduação, também chamado de ciclo clínico. Nele, a PP é ramificada em diferentes áreas de atuação, com cada uma delas sendo preenchidas em diferentes Unidades de Saúde pela cidade de São Carlos. A ES é focada nas ramificações da PP, e a SP introduz o plano terapêutico das doenças estudadas.

Vale ressaltar que esse momento da formação engloba o momento de emergência pública decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) de Pandemia da Covid-19, ocorrendo apenas 1 mês após o início das atividades do 3º ano. Dessa forma, todo o plano curricular teve que ser adaptado para esse cenário. Por esse motivo, não farei uma divisão exata entre o 3º e 4º ano, pois para mim, eles se passaram conjuntamente, sem nenhuma divisão temporal, explicada nos próximos parágrafos.

O 3º ano começou cheio de esperanças, já que nossa capacidade prática seria testada mais arduamente, em diferentes campos, além de nos proporcionar maior conhecimento de tratamento pela área teórica, que até então não era tão abordado. Seria o momento de colocar em prática todo o nosso conhecimento em áreas específicas, aprendidas e treinadas no ano anterior.

A Saúde da Criança e Adolescente (SCrA) foi a prática mais esperada, já que, até então, não tinha atendido criança nenhuma na PP e tinha muito curiosidade de saber como conduzir esse tipo de consulta. A atividade começou na UBS Cidade Jardim, porém após a pandemia, quando tivemos o aval para voltarmos às práticas, retornamos para a USE. Nosso professor durante os dois anos foi o Dr. Guillermo, neurologista pediátrico, que conseguiu passar, tanto pessoalmente quanto online, o conhecimento tão necessário para a nossa formação.

A Saúde da Mulher (SMu) também foi feita na UBS Cidade Aracy, tanto antes quanto depois da pandemia, sendo ministrada pela Dra. Luciana e, por um curto período de tempo durante a reposição pós pandemia, pela Dra. Cláudia Adão. Infelizmente, nessa prática, as poucas vezes que tivemos a oportunidade de atender, faltava as pacientes, sendo, portanto, pouco proveitoso.

A Saúde do Idoso (SAI) foi a mais proveitosa de longe! No 3º ano tivemos como professor o Dr. Paulo Vasconcelos, anestesista e intensivista, que nos acompanhou durante a pandemia, e no 4º ano tivemos como facilitadora a Dra. Andréia, hematologista. Nessa atividade, me vi como médica pela primeira vez e, com a liderança de ótimos professores como os dois que fizeram parte dessa atividade, vi melhorando cada vez mais meu raciocínio clínico e interpessoal.

Por fim, tivemos a Saúde da Família e Comunidade (SFC), onde continuamos na nossa USF dos dois primeiros anos, acompanhados da Dra. Renata Kishi, médica da família e comunidade. Durante todo o curso, foi a primeira profissional dessa área com quem tivemos contato, e foi a primeira vez que entendi o papel dessa especialidade dentro do sistema de saúde.

Como tinha dito anteriormente, esse ciclo foi, quase completamente, feito dentro dos piores anos da pandemia (2020 - 2021). Um dia depois do decreto da OMS em março de 2020, a universidade cancelou as aulas e voltei para a casa da minha mãe em Pato Branco - Paraná, onde fiquei até fevereiro de 2021, voltando para São Carlos.

Nossas aulas voltaram remotamente apenas em setembro de 2020, com reuniões online. Navegar por essa experiência foi agridoce, já que não tínhamos aula tradicional e dependíamos muito da prática para aprender. Foi uma situação de aprendizado tanto para nós alunos como para os professores, tentando utilizar da melhor maneira esses encontros online.

Durante a pandemia, ter ido para casa em Pato Branco, foi muito proveitoso por um lado, quanto oneroso por outro. Enquanto sentia falta dos meus amigos, que tanto me apoiaram e com quem fiquei muito próxima, e das aulas, que eu gostaria tanto que fossem presenciais, fui de grande ajuda à minha família durante a doença do meu vô, que progrediu rapidamente durante a pandemia até seu falecimento em 1º de janeiro de 2021, quando me tornei sua cuidadora entre as aulas online.

Sem mais a necessidade da minha permanência em Pato Branco, e com as reuniões de departamento e conselho sempre trazendo para discussão o retorno das práticas presencialmente, tomei a decisão de voltar para São Carlos. No entanto, demoraria ainda vários meses para retornarmos às unidades.

Enquanto admito que aproveitei muito as aulas online, não consigo deixar de falar sobre a falta que me fez às práticas, principalmente quando começamos o internato. O sentimento de que poderíamos ter ajudado de alguma forma a resolução da pandemia ficava cada dia mais claro em minha cabeça, assim como o aprendizado que seria aproveitado nessa situação. Muito ouvi dos professores que eram a favor da volta sobre como era nas crises que mais aprendemos e, até hoje, acredito piamente nessa afirmativa.

4. TERCEIRO CICLO

O ciclo mais aguardado de todos: o internato. Esse ciclo engloba os últimos anos de medicina, o 5º e 6º ano. Esses dois anos são os mais práticos da graduação, onde ficamos quase que inteiramente nos hospitais, tanto na Santa Casa de São Carlos, quanto no Hospital Universitário da UFSCar (HU-UFSCar).

Comecei meu internato na Ginecologia e Obstetrícia. Durante o 5º ano, focamos na área da obstetrícia, passando a maior parte do tempo na Maternidade da Santa Casa de São Carlos, complementando esse tempo com ambulatórios de gestação de alto risco e encontros com o Dr. Humberto e Dr. Marcos, os quais envolviam assuntos proeminentes e simulações de situações cotidianas dentro da área em estudo.

Meu segundo estágio foi de cirurgia. No 5º ano, esse estágio é mais focado nas especialidades cirúrgicas do que na cirurgia geral, e passamos a maioria do tempo em ambulatórios. Até esse momento, tinha certeza que iria para neurocirurgia, tendo feito até eletivas nessa área, porém sem entrar em campo. Contudo, durante esse segundo estágio do internato, consegui ver que realmente não sou da área cirúrgica, julgando o quanto eu não gostei de entrar em campo cirúrgico, mesmo gostando dos assuntos abordados.

O terceiro estágio, clínica médica, era o que eu e meu grupo de internato mais temíamos, e foi com base nele que escolhemos a ordem dos estágios, a fim de chegarmos mais preparados. Há anos ouvíamos sobre como os professores da clínica eram bravos e esperavam que já soubéssemos tudo no primeiro dia, em especial a Dra. Alice Miguel, na época professora substituta e com quem mais passávamos tempo no estágio. No entanto, não foi nada do que nos disseram e, posso afirmar com todas as minhas forças que, de todo o internato, foi o estágio que mais me impactou e definiu minha carreira.

Nesse estágio tive contato com profissionais maravilhosos. Primeiramente, cito a Dra. Alice, não tão brava como nos reportaram, porém uma das melhores professoras que já tive contato, com seu raciocínio clínico exímio. No entanto, dou ênfase em especial à Dra. Bruna, que quase me fez escolher a geriatria como especialidade, tão importante foi sua influência em mim. Foi com ela que tive a

minha primeira experiência com a morte, sendo ela a médica que me acompanhou no cuidado da minha primeira paciente que veio a falecer. Por ela, eu aprendi o significado de paliativo e a importância de seu uso e, desde então, penso nessa área como um dos pilares no cuidado com pacientes, e de sua importância na minha visão de doença e paciente. Sem dúvida nenhuma, a Dra. Bruna tem um espaço especial em meu coração.

Após a clínica médica, fomos para a Pediatria. O estágio é dividido em duas partes, sendo a maternidade a primeira pela qual passei, onde fazemos parte da recepção e cuidado do recém-nascido, e a segunda pela enfermagem pediátrica do HU-UFSCar, na qual temos contato com as doenças mais prevalentes na infância, dando ênfase em doenças respiratórias. Nesses dois ambientes, tivemos a orientação de ótimos profissionais, que nos ajudaram a nos acostumar com a medicina dos pequenos humanos, tão diferente do que éramos acostumados.

O último estágio do 5º ano foi de ambulatórios. Esse estágio nos forneceu os conhecimentos mais específicos tanto de áreas da pediatria como da clínica médica. Foi um estágio rico em conteúdo e prática, o qual me deu um melhor entendimento das doenças crônicas que até então só havia visto descompensadas durante a clínica médica.

Já o 6º ano veio com sentimento de finalidade. Finalmente chegamos na reta final.

Decidimos começar pela clínica médica, já que foi o estágio mais difícil do 5º ano, e queríamos levar o conhecimento dele para os demais estágios. Comecei esse estágio pensando que iria ter a mesma dificuldade de raciocínio clínico e decisão do quinto ano, o que se provou totalmente errado. Me vi confiante em muitos dos meus diagnósticos e condutas, julgando situações e achados de maneira certa. Esse estágio me fez perceber todo o meu futuro potencial como médica, algo pelo qual sou muito grata.

O segundo estágio foi Ginecologia e Obstetrícia. No 6º ano, focamos na ginecologia, área ainda não explorada. Tivemos muitas práticas, principalmente ambulatoriais, o que elucidou bastante essa área de atuação.

O terceiro estágio do sexto ano foi pediatria. Esse estágio não consigo dizer que teve um aproveitamento muito grande. Repetimos os ambulatórios que já tínhamos feito no ano anterior. A enfermaria da Santa Casa, onde passamos boa parte do tempo, não possuía muitos pacientes, muitas vezes necessitando dividir um paciente em 3 pessoas. Os meus plantões não tiveram ocorrência nenhuma. A parte mais proveitosa, sem dúvida, foram as discussões com a Dra. Esther, reumatologista pediátrica e paliativista, que trouxe assuntos antes não vistos, assim como de cuidado paliativo, área muito próxima do meu coração.

No entanto, o estágio mais proveitoso do 6º ano foi da Saúde da Família e Comunidade. Nesse estágio, fiquei 7 semanas na USF Água Vermelha, com preceptoria do Dr. Carlos. Além de termos um fluxo muito grande de pacientes, tínhamos os ensinamentos do nosso preceptor, que me ajudou muito a cimentar meu conhecimento na área. Nesse estágio, também passamos pela Saúde Mental, tanto ambulatorial quanto nos CAPS.

E agora, no momento de escrita desse trabalho de conclusão de curso, estou no último estágio. Tenho grandes expectativas quanto ao estágio, em especial à enfermaria cirúrgica, onde terei mais contato com doenças cirúrgicas gerais, as quais ainda não tive muito contato.

5. OUTRAS ATIVIDADES

Durante os 6 anos de graduação me envolvi em várias atividades extracurriculares fornecidas pela UFSCar. Irei dividi-las de acordo com suas principais características.

Ligas Acadêmicas

Durante o 1º ano, fiz parte da Liga de Pediatria (LAEP), na qual participei de atividades na maternidade, assim como de aulas expositivas ministradas por especialistas. No 2º e 3º ano, fiz parte da Liga de Cardiologia (LACOR), sendo parte da gestão em 2020-2021. Pela liga, participei de aulas, atividades práticas, e como gestão, estive envolvida na criação de um simpósio online, que contou com a participação de vários profissionais especialistas. Durante o 2º ano, também fiz parte da Liga de Cirurgia (LiCu).

Iniciação Científica

Durante a graduação, fiz parte de várias iniciações científicas. A primeira foi ainda no primeiro ano, orientada pelo Prof. Dr. Geovani Aciole, de nome “Avaliando impactos do projeto ‘Mais Médicos para o Brasil’ em São Carlos: A percepção dos usuários”.

A partir do 2º ano, todas as minhas iniciações científicas foram orientadas pela Dra. Meliza Goi Roscani, cardiologista. Não há palavras para agradecer todo o carinho, paciência e oportunidades que ela me deu durante o restante da minha graduação. Minha pesquisa com a Dra. Meliza foi “Avaliação cardiológica de estudantes sedentários e ativos de medicina da UFSCar, na qual fiquei responsável pela escrita do artigo e publicação do mesmo. Minha segunda pesquisa foi “Comparação da rigidez arterial entre pacientes pré-diabéticos e saudáveis utilizando velocidade da onda de pulso carotídeo-femoral”, na qual participei da análise de dados e escrita do artigo, agora em processo de publicação. Também participei de um relato de caso “Alterações cardíacas fetais associadas à infecção materna por SARS-CoV-2: Relato de Caso”, também publicado.

Atividades de extensão

Em 2021, entrei em um projeto de extensão para acompanhamento de 2 ambulatórios de Neurologia no HU-UFSCar, ambos preceptorizados pela Dra. Milena Libardi. O motivo dessa atividade de extensão teve base na minha curiosidade na neurologia, área a qual tive mais contato durante a pandemia em 2020, me despertando curiosidade como possível área de futura atuação.

Estágios Eletivos

As eletivas são estágios nos quais os alunos podem escolher atividades para desenvolver em outros serviços, ou mesmo nos territórios da Universidade, em função de complementação de estudo em alguma área que lhe chame atenção. Elas estão previstas pelo Projeto Político Pedagógico, e ocorrem a partir do 2º ano de graduação.

Em 2019, fiz minha primeira eletiva na área de SVO junto à Polícia Civil e o IML de Coxim - MS. Tive a oportunidade de me aprofundar em anatomia, uma área na qual tinha muitas lacunas, já que não temos aulas práticas. Como o estágio era dentro do IML, tive a experiência na parte de mortes acidentais, e aprendi a diferenciar várias patologias de acordo com o tipo de acidente sofrido.

Em 2020 e 2021, minha eletiva foi online por causa da pandemia. Decidi me aprofundar em duas áreas que sentia falta na minha formação até o momento, que eram a neurologia e a imunologia. Fiz dois cursos voltados a essas áreas, um pela Duke University e um pela Rice University, nos EUA. Foi a partir desse curso de neurociências que meu interesse pela neurologia aflorou. Também completei vários cursos no UNA-SUS, de caráter clínico.

Em 2022, decidi focar minhas eletivas na minha nova área de interesse, neurologia, fazendo estágio tanto na parte clínica quanto cirúrgica dessa especialidade. Passei um mês acompanhando especialistas nessas áreas em Pato Branco - PR. Esse foi o momento em que a Neurologia foi consolidada como minha área de preferência.

Em 2023, fiz minha eletiva junto ao Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP, onde consegui ver com mais veracidade o dia a

dia e as diversas áreas dentro da neurologia. Foi um estágio que mudou minha percepção sobre a profissão e suas várias subáreas.

6. CONCLUSÃO

Finalizo aqui minha Narrativa crítico-reflexiva sobre a minha trajetória durante a graduação na Medicina UFSCar. Me despeço com muito carinho desse lugar que me abraçou desde o primeiro dia, que me pegou pela mão e me ajudou a me tornar, eu espero, a melhor versão de mim mesma. Mesmo a poucos dias de me formar médica, sei que há muito caminho pela frente, e que haverá muito estudo ainda após a Medicina UFSCar.

7. REFERÊNCIAS

Curso de medicina – CDBs. Projeto político pedagógico. 2007. Disponível em <http://www.dmed.ufscar.br/arquivos/projeto-pedagogico-2007>

GEMIGNANI, Elizabeth Yu Me Yut. Formação de Professores e Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Ensinar Para a Compreensão. *Revista Fronteira das Educação, Recife / PE*, v. 1, n. 2. jan. 2012.

SANTOS, Taciana da Silva. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem. 2019. Mestrado profissional em educação profissional e tecnológica instituto federal de educação, ciências e tecnologia de Pernambuco – campus Olinda, 2019.

CARVALHO, H. T.; CHIQUILLO, MARIA PAZ LOZANO ; TANAKA, S. N. ; ARRUDA, A. C. V. C. ; KUMMER, LANA ; ROSCANI, M. G. . Cardiac Fetal Changes Associated with Maternal Infection by SARS-CoV-2: Case Report. *EC Paediatrics*, v. 11, p. 5, 2022.

Fujioka, P. T. ., Nagaoka, V. T., Heinritz, I. L., Ferraz, G. P. L., Kummer, L., & Roscani, M. G. (2021). Relação do nível da atividade física com o perfil clínico, eletrocardiográfico e depressivo de estudantes de medicina. *Revista De Medicina*, 100(5), 424-430. <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v100i5p424-430>

Firmino, Stella Maris et al. Valor discriminativo da velocidade da onda de pulso para rigidez arterial e lesão cardíaca em pacientes pré-diabéticos. *Jornal Vascular Brasileiro* [online]. 2023, v. 22 [Acessado 2 Janeiro 2024], e20230076. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1677-5449.202300762>>. Epub 11 Dez 2023. ISSN 1677-7301. <https://doi.org/10.1590/1677-5449.202300762>.